

PENSANDO COM A IMAGEM

Murais Urbanos: uma intervenção de arte-educação numa escola da rede pública

Spírito Santo



Você já viu um lobo uivando para a lua? Já imaginou, vendo um numa história em quadrinhos, num livro, num filme, já se perguntou de que dilemas poderia ser feito aquele uivo doído, aquela manifestação de *não-sei-bem-o-que* que o lobo exprime assim, de forma tão pungente, quase religiosa?

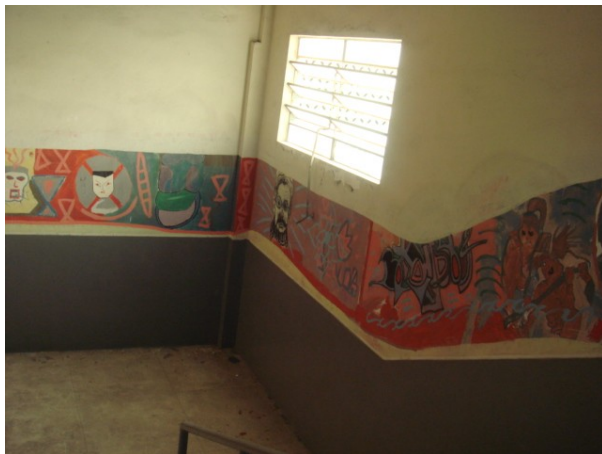
E qual seria a mensagem? Por meio de que sentido a decifraríamos enfim? O que aprenderíamos de crucial para a nossa vida ao decifrar esta instigante mensagem? Qual seria o sentido educacional de seu mistério? Talvez seja *vendo* a imagem do lobo que aprendemos – *lemos* - o que os lobos são enfim.



CV de A a Z: aprender para transformar a escola

A exibição no fim do ano de 1997, por uma grande rede de TV, de pichações alusivas a uma facção do crime 'organizado', grafadas nas salas da Escola Martin Luther King no Rio de Janeiro, de algum modo evocava este inquietante significado do *lobo-esfinge* uivando para a lua.

Talvez fosse este o significado daquelas imagens na TV. Sensacionalistas, terroristas até já que, de forma cifrada, o que propunham mesmo era a identificação, a exclusão e quiçá a prisão definitiva para *aqueles vândalos*, expondo com seu escorregadio significado, a irresponsabilidade flagrante das autoridades, mais do que elas seriam capazes de escamotear, com suas campanhas de propaganda salpicadas de imagens de *Escolas Felizes*.



Pois foi este constrangimento providencial que ensejou a proposta feita por um grupo de artistas plásticos à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para a realização, no início de 1998, de uma original intervenção de arte educação na escola.

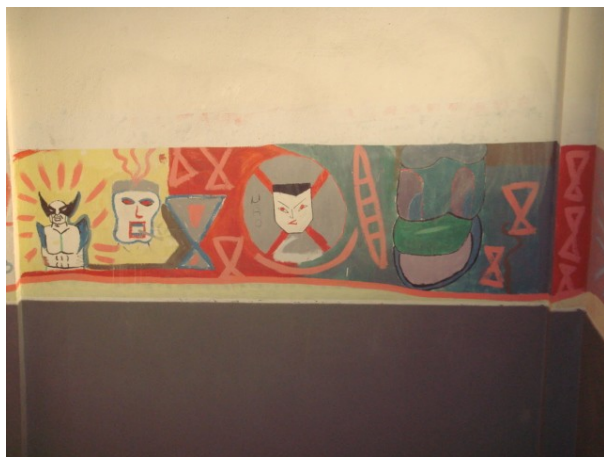
Produto do pensamento de leigos, por acaso distanciados das pesquisas acadêmicas convencionais, o projeto Murais Urbanos propunha a abordagem do problema, por meio de uma metodologia conhecida como *pesquisa-ação*. Os artistas foram: *Raimundo Rodrigues, Spírito Santo, Luiz Augusto Vaz, Deneir de Souza e Pedro Dominguez*.

A linguagem escolhida - por aproximação com o que as pichações do C.V. sugeriam - foi, obviamente, o *grafitti*, uma eficiente ferramenta para a abordagem de questões culturais, utilizada pelo homem desde os tempos das cavernas do *Cro-Magnon*, até as intervenções urbanas de *Basquiat* e *Keith Haring* em Nova York.

A forma, ditada pelo maciço interesse vivamente expresso por todos em participar do projeto, foi uma imensa cobra formada por segmentos contendo imagens criadas, livremente por cada um dos os alunos interessados.

"... como se uma cobra correndo atrás do próprio rabo, simbolicamente, representasse o conjunto de novas possibilidades pedagógicas que, sugeridas pelas próprias crianças, nas imagens impressas de seu universo emocional, servisse para renovar, fazer respirar a escola."

Durante o ato de criação dos murais, foi curioso observar que um processo de diluição da capacidade de expressão visual dos alunos, aparentemente ocorria na mesma medida em que eles iam se tornando mais velhos e avançavam de série. A princípio, a experiência parecia demonstrar, portanto, a ocorrência de uma espécie de *'desconstrução'* das habilidades comunicativas destes alunos, podendo significar que a escola convencional talvez estivesse (por conta de seu renitente conservadorismo talvez) dando uma ênfase excessiva a recursos de comunicação arcaicos demais, ineficientes demais abrindo mão de outros como as artes visuais, por exemplo.



A cobra hieroglífica faminta de si mesma

E foi assim que o *Lobo* (os alunos) e a *Lua* (a escola) se viram envolvidos numa paixão salvadora já que obtendo ampla liberdade da autoridade municipal, os artistas puderam interferir na rotina da escola, em todos os aspectos.

A intervenção propôs, enfim, a expressão de todas as imagens porventura contidas na alma de cada indivíduo da escola, sem nenhuma espécie de censura moral ou mesmo estética. O seu amor, ou mesmo o seu desprezo por aquele neurótico organismo em que as circunstâncias sociais transformaram sua escola, devia ser expresso num segmento qualquer do corpo daquela cobra mágica. Era esta a única condição exigida. A pedagogia estaria contida no próprio processo.

"...A relativa perda da capacidade de se exprimir com cores e formas, observada nos alunos adolescentes, a forte tendência à banalização de sua própria comunicação interpessoal restrita, exclusivamente ao uso de signos alfabéticos ininteligíveis para 'estranhos' (nomes, números de turmas, marcas do CV, suásticas, diabo da Tazmânia, etc.), foram sendo, desta forma, lentamente trabalhadas, para que, do ponto de vista da comunicação, algumas mensagens pudessem ser elaboradas pela escola como um todo"

E foi assim que a *boa serpente* se transformou num arco-íris de possibilidades e mensagens a serem decifradas pelos futuros habitantes de uma escola que, talvez disposta a nunca mais voltar a ser aquela

outrora hipócrita prisão de anseios, compreendeu que, definitivamente, o *meio* pode mesmo ser a *mensagem*.

sobre o(a) autor(a):

Escritor; pesquisador de música popular e tradicional afro-brasileira. Atua também como arte educador, tendo criado, no Rio de Janeiro, o projeto Musikfabrik, especializado na utilização da linguagem musical e do artesanato musical como ferramenta pedagógica aplicada a diversos fins sócio-educacionais. Atualmente leciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro na qualidade de Artista Visitante.